

MODERNIDADES ALTERNATIVAS. DA CRISE DO PÓS- MODERNISMO ATÉ À TRANSMODERNIDADE DE ENRIQUE DUSSEL

Balint Urbán¹

RESUMO: Partindo da crise e da crítica do pós-modernismo, presente estudo, depois de apresentar um panorama de propostas teóricas da reflexão contemporânea sobre a modernidade, pretende dar uma leitura da teoria da transmodernidade de Enrique Dussel. O filósofo argentino-mexicano elabora um modelo original da modernidade da perspectiva do Sul subalterno que além de desconstruir os princípios eurocêntricos da modernidade singular propõe uma reavaliação crítica da história europeia e do colonialismo. Deste modo, a transmodernidade de Dussel, articula-se como um caso exemplar das modernidades alternativas cujo objectivo é criar um diálogo entre o pensamento ocidental e as epistemologias marginais.

PALAVRAS-CHAVE: modernidade, pós-modernismo, modernidades alternativas, transmodernidade, epistemologias do Sul, Enrique Dussel

ABSTRACT: Departing from the critic of post-modernism this study focuses on the theory of transmodernity elaborated by the Argentinian-Mexican philosopher, Enrique Dussel. In my opinion Dussel's approach on modernity can be understood from the perspective of alternate modernities and their critical stance towards the Eurocentric narrative of modernity. Transmodernity provides not only a complex ideology to deconstruct the singular-occidental character of modernity but also

¹ Universidade Eötvös Loránd de Budapeste. E-mail: urbanbalintmail@gmail.com

opens up a space where emancipation and local epistemologies can interact in order to create a new, alternative form of modernization.

KEYWORDS: modernity, post-modernism, alternative modernities, transmodernity, epistemologies of the South

Apesar da tese vastamente propagada e aceita sobre o fim definitivo da modernidade enquanto complexo período histórico-político e econômico-social, ideologia e epistemologia particular de origem e inspiração europeia, parece que a cultura mundial não se quer separar do paradigma do moderno que continua fazendo parte dos modelos descritivos destinados para interpretar o estado atual das sociedades e dos sistemas econômicos vigentes. „Modernist culture has come to penetrate the values of everyday life; the life-world is infected by modernism.”² Formulou um dos principais pensadores do debate sobre o desfecho da modernidade nos anos oitenta do século passado, enfatizando a penetração incondicional da vida pelas mais diversas manifestações da modernidade, supondo uma indissociabilidade evidente entre a vida e a própria máquina metafórica da modernidade. Portanto, ainda hoje, as mais diversas tentativas de definição com a ajuda das quais pretendemos compreender a complexidade dos fenômenos socioeconômicos e tecnológicos da era contemporânea, dum modo ou outro, se relacionam com a grande narrativa da modernidade, e procuram inventar novas formas alternativas para continuar, superar, criticar, reposicionar ou simplesmente expandir a herança da própria modernidade histórica, remetendo-nos para a acima referida inseparabilidade ontológica da humanidade do paradigma moderno. O facto de que a maioria dos modelos sintéticos das últimas décadas que tentaram formular respostas à questão da transformação radical do espaço socioeconômico nos finais do século XX e no início do novo milénio, define-se em relação à modernidade clássica (*classical modernity*)³, torna-nos evidente por um lado a viabilidade da tese sobre a impossibilidade de conclusão e de terminação do projeto emancipatório moderno, defendido entre outros por Jürgen Habermas⁴ e Anthony Giddens,⁵ e por outro lado revela uma certa obsessão cultural com o paradigma da modernidade que assombra a consciência das sociedades e dos sujeitos já há vários séculos.

2 HABERMAS, Jürgen. Modernity – an incomplete project. In: FOSTER, Hal (org.). *The Anti-Aesthetic. Essays on Post-modern Culture*. Port Townsend-Washington: Bay Press, 1983, p. 6.

3 PEUKERT, Detlev. *The Weimar Republic: The Crisis of Classical Modernity*. New York: Hill & Wang, 1992.

4 HABERMAS, 1983, pp. 12-13.

5 GIDDENS, Anthony. *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1996, pp. 47-48.

Uma série de autores que por motivos diferentes manifestaram uma certa aversão para com o paradigma popularizado e vastamente usado do pós-moderno enquanto estado socioeconômico e cultural do capitalismo tardio,⁶ sugeriu e elaborou matrizes distintas para substituir o pós-modernismo e para suprir suas falácias. Enquanto Anthony Giddens compartilhando as mesmas premissas com Jürgen Habermas acerca do caráter incompleto do movimento emancipatório, fala sobre uma modernidade tardia (*late modernity*) enquanto uma fase autêntica do projeto moderno que se baseia na separação do tempo e do espaço, no desencaixe das instituições sociais e na apropriação reflexiva do conhecimento,⁷ Gilles Lipovetsky opta pelo termo da hipermodernidade (*hypermodernity*) e define-a como o segundo período moderno ou o próprio cumprimento total do projeto capitalista em cujo centro se encontra o conceito do excesso⁸ (daí a preferência pelo prefixo –hiper em vez do prefixo –pós que sugere a conclusão dum certo tipo de desenvolvimento). Zygmunt Bauman cunha o conceito da modernidade líquida (*liquid modernity*) para referir à substituição da antiga solidez das instituições, formas de produção, relações interpessoais, etc. por uma incerteza total e desconcertante,⁹ e Marc Augé de acordo com as bases teóricas de Lipovetsky, no seu livro *Non-Places – Introduction to an Anthropology of Supermodernity* elabora uma teoria da supermodernidade (*supermodernity*) enfocada na expansão excessiva das fronteiras do tempo, do espaço e da individualidade e que apresenta como o outro lado mais positivo do pós-modernismo niilista-desconstrucionista.¹⁰ Tanto Lipovetsky como Bauman e Augé tomam como ponto de partida nas suas análises o fenômeno da aceleração incondicional e a conseqüente extremização do processo moderno. Para eles o desenvolvimento e o movimento da modernidade considera-se um facto inquestionável o que os leva para rejeitar a suposição do fim definitivo do projeto iluminista e a conclusão do progresso moderno explicado numa posição nietzschiana por Gianni Vattimo.¹¹ Como Bauman enfatiza

As time flows on, 'modernity' changes its forms in the manner of the legendary Proteus... What was some time ago dubbed (erroneously) 'post-modernity' and what I've chosen to call, more to the point, 'liquid modernity', is the growing conviction that change is the only permanence, and uncertainty the only certainty. A hundred years ago 'to be modern' meant to chase 'the final state of perfection' -- now it means an infinity of improvement, with no 'final state' in sight and none desired.¹²

6 JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 2001.

7 GIDDENS, 1996.; vide também LUVIZOTTO, Caroline Kraus: Modernidade e modernidade tardia. In: LUVIZOTTO, Caroline Kraus: *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, pp. 60-61 (53-63)

8 LIPOVETSKY, Gilles. *Hypermodern Times*. Cambridge: Polity Press, 2005, pp. 31-32.

9 BAUMAN, Zygmunt. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press, 2012.

10 AUGÉ, Marc. *Non-Places – Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. London-New York: Verso, 2000, pp. 24-37.

11 VATTIMO, Gianni. *La fine della modernità*. Milano: Garzanti, 2011, p. 176.

12 BAUMAN, 2012, viii.

Nas esteiras da ideia do caráter proteano da modernidade e da sua transformação permanente Robert Samuel, Alan Kirby e os autores holandeses Timotheus Vermeulen e Robin van den Akker partem da tese de que o novo milênio trouxe não só o fim do paradigma pós-moderno mas também e a necessidade da sua superação. Todos eles expressam uma forte insatisfação para com o código vigente do pós-modernismo e ressaltam a inadequação deste com o estado socio-cultural e tecnológico do século XXI. As suas propostas, assim, consideram-se reações à crise epistemológica do pós-modernismo e procuram formular modelos alternativos de descrição e de análise. Alan Kirby declara a morte do pós-modernismo e acredita que através da reestruturação dos espaços digitais e da emergência do assim chamado web 2.0 que aposta muito mais na representação visual e na própria criatividade interveniente dos usuários, entramos num período além do reino pós-moderno que podemos chamar modernismo digital (*digimodernism*). Segundo Kirby o modernismo digital constitui „the dominant cultural, technological social and political expression of our times.”¹³ Robert Samuel, por sua vez, argumenta que a abordagem e a análise da cultura, da identidade e da tecnologia não se pode basear mais nas dicotomias tradicionais da modernidade como a oposição entre as esferas públicas e privadas, a separação cartesiana do objeto e do sujeito e a relação hierárquica entre o humano e a máquina. As novas formas da mídia e da tecnologia e os modos como a humanidade as usa diariamente exigem um repensamento dinâmico das narrativas correntes da modernidade. Portanto, em vez de ver e interpretar a liberdade individual e a alienação mecanizada como forças sociais opostas, temos que reconhecer que o sujeito contemporâneo recorre à automatização para expressar e desenvolver a sua própria autonomia. Além disso, na opinião de Samuel no caso da automodernidade (*automodernity*) não se trata da aceleração e da extremização acima descrita do avanço do projeto moderno, senão de uma certa unificação numa estrutura globalizada e altamente tecnicizada das esferas do capitalismo, da democracia e da ciência cuja separação constitui um dos passos fundamentais do nascimento do discurso da modernidade.¹⁴ Finalmente os teóricos holandeses Timoteus Vermeulen e Robert van den Akker declaram que os tempos pós-modernos do último quartel do século XX que cultivaram um forte relativismo cultural e fizeram da ironia e da paródia autênticos modelos ontológicos e interpretativos tanto do passado como do presente, definitivamente acabaram. Na perspectiva deles o novo milênio caracteriza-se muito mais por uma certa reativação de determinados traços da modernidade clássica dezenovista

13 KIRBY, Alan. *Digimodernism: How New Technologies Dismantle the Postmodern and Reconfigure our Culture*. London-New York: Continuum, 2009, p. 2.

14 SAMUELS, Robert. *New Media, Cultural Studies, and Critical Theory after Postmodernism: Automodernity from Zizek to Laclau*. New York: Palgrave Macmillan, 2009, pp. 3-27.

como por exemplo o idealismo, a esperança, a participação política e ética, e por uma nova disposição pela sensibilidade, pelo sentimentalismo, pelos horizontes pessoais e pela integridade das histórias (vinculadas parcialmente pelo uso incondicional das redes sociais).¹⁵

Além do pendor de ultrapassar e criticar o pós-modernismo típico dos anos 70, 80 e 90, o que relaciona estes conceitos mais recentes do moderno é a influência e a penetração das novas formas de telecomunicação que redimensionaram não só as interações sociais mas também as formas de perceber, conceber o construir a realidade. Enquanto as grandes teorias do pós-modernismo frequentemente usaram como metáfora principal a televisão e o vídeo,¹⁶ estas novas abordagens que propagam a superação do pós-modernismo, tornam-se aos produtos mais recentes da revolução tecnológica, nomeadamente à internet e ao mundo das redes sociais, para explicar a transformação da modernidade.

Este panorama com as mais diversas tentativas de redefinir e reinterpretar a modernidade, a meu ver, representa dum modo axial a tese inicialmente exposta sobre a obsessão e a inseparabilidade da cultura do paradigma da modernidade. No entanto, a maioria das soluções apresentadas continua a pensar a modernidade como um projeto essencialmente eurocêntrico, ou seja, a modalidade econômico-política e socio-discursiva do espaço simbólico da zona euro-atlântica. O modelo da transmodernidade elaborado pelo filósofo argentino-mexicano Enrique Dussel constitui um certo contraponto da reflexão eurocêntrica da modernidade, aconselhando uma crítica dos princípios do projeto moderno e uma reformulação deste da perspectiva do assim chamado Sul global, tendo em conta não só a tensão entre o epistemicídio colonial e as formas de saber locais,¹⁷ e as possibilidades de construir uma modernidade própria, diferente da versão ocidental consagrada, mas também as contribuições históricas do Sul para a própria modernidade e a para o estabelecimento do seu discurso simbólico. Para entender a argumentação de Dussel e a essência da sua teoria da transmodernidade temos que ver primeiro os paradoxos inerentes da própria modernidade.

Segundo as narrativas e teorias principais da modernidade, o padrão substancial do progresso socioeconômico cujos pontos referenciais e constituintes são a reforma religiosa, a revolução

15 VERMEULEN, Timotheus – AKKER, Robin van den. Notes on Metamodernism. *Journal of Aesthetics & Culture*. Vol. 2., n. 1., 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.3402/jac.v2i0.5677>

16 WOODS, Tim. Postmodernism, film, video and televisual culture. In: WOODS, Tim. *Beginning Postmodernism*. Manchester-New York: Manchester University Press, 1999, p. 194.

17 SANTOS, Boaventura de Sousa – Meneses, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009, p. 10.

científica de Copernico, Galileu e Newton, a filosofia cartesiana do sujeito, a corrente cultural do Iluminismo, a revolução industrial, a emergência do capitalismo enquanto sistema econômico dominante, a organização burocrática dos estados e a crescente desencanto do mundo e o controle biopolítico das sociedades através das forças invisíveis do bio-poder, tem a ver com uma consciência e uma história exclusivamente européias. O ponto comum dos fenômenos acima-referidos, sem qualquer dúvida, é o funcionamento dum certa racionalidade teleológica – *Zweckrationalität* na formulação de Max Weber¹⁸ – que penetra até medula todas as esferas da experiência e da realidade partindo da ciência até à

economia e à sociedade. O sujeito moderno, tanto como a ciência, a tecnologia e a política modernas, está baseado na crença incondicional na razão instrumental e nas suas potências inquestionáveis de conhecer, conceber, interpretar e controlar.¹⁹ No entanto, já durante o período da modernidade clássica do século XIX, surgiram algumas dúvidas quanto a essa racionalização total do ser e da dominação absoluta da razão que fazem da modernidade um fenômeno bastante paradoxal. Por um lado, a complexidade das esferas ontológicas, epistemológicas e discursivas envolvidas com o projeto moderno produz uma complexidade extensa dentro da própria dinâmica do moderno que nos permite falar não de só diversas fases cronológicas como modernidade precoce (*early-modern age/frühe Neuzeit*), modernidade clássica e modernidade tardia, mas – seguindo a lógica do título da monografia magistral de Matei Calinescu *Five Faces of Modernity*²⁰ – também de faces diferentes que refletem certas posturas ideológicas. A metáfora antropológica de Calinescu permite-nos, então, fazer distinções nítidas entre as faces diferentes da modernidade. Dilip Gaonkar, por sua vez, enfatiza uma dualidade primordial da narrativa moderna que segundo ele lembra as duas faces de Jano, ou seja, a modernidade tem um lado afirmativo, positivo e emancipatório, mas ao mesmo tempo dispõe de um outro lado sinistro, cruel e dominador.

The bright side of societal modernization anticipated by Enlightenment philosophers (...) refers to the palpable improvement in the material conditions of life as evident in economic prosperity, political emancipation, technological mastery, and the general growth of specialist knowledge. The dark side refers to the existential experience of alienation and despair associated with living in a disenchanted world of deadening and meaningless routine. This is the Sisyphean world of repetition devoid of a subjectively meaningful telos.²¹

18 WEBER, Max. *The Vocation Lectures*. Indianapolis-Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.

19 CASCARDI, Anthony J. *The Subject of Modernity*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 16-17.

20 CALINESCU, Matei. *Five Faces of Modernity*. Durham: Durham University Press, 1987.

21 GAONKAR, Dilip Parameshwar. On alternative modernities. In: GAONKAR, Dilip Parameshwar (org.). *Alternative Modernities*. Durham-London: Duke University Press, 2001, p. 9.

Entre os aspetos mais negativos do avanço moderno Gaonkar menciona a alienação e o tédio produzidos pelo desencanto e pela burocratização do mundo, descritos ambos amplamente por Weber. O que o autor do estudo não refere é a própria perversão da razão e da abordagem racionalizante da realidade. Estas constituem a base de uma certa crítica da modernidade que surge depois da Segunda Guerra Mundial, da experiência do terror absoluto dos campos de extermínio e das câmaras de gás. Na tradição do pensamento europeia foi provavelmente o filósofo alemão, Martin Heidegger que numa palestra sua proferida alguns anos após o fim da guerra, falou do Holocausto como de um projeto industrializado, como de uma fábrica de morte. Giorgio Agamben no terceiro volume da série *Homo Sacer* em que escreve sobre a catástrofe do Holocausto e as suas consequências socio-culturais aponta que „ad Auschwitz non si moriva, venivano prodotti cadaveri. Cadaveri senza morte, non-uomini il cui decesso è svilito a produzione in serie”²² Ou seja a tecnicização e a industrialização que constituíam os eixos principais da modernidade e em princípio serviam a emancipação da humanidade, passaram a ser usados e abusados para cumprir objetivos mais sinistros, para realizar aquilo que antes era completamente impensável: o assassinato racionalmente organizado de milhões e milhões de pessoas. Sem qualquer dúvida, a crítica mais elaborada desta faceta macabra da modernidade foi desenvolvida no livro de Adorno e Horkheimer publicado sob o título *A dialética do Esclarecimento*. Embora Adorno e Horkheimer façam uma avaliação crítica do Iluminismo, a sua argumentação pode ser aplicada sem problemas para a grande narrativa da modernidade, sendo o Esclarecimento eminentemente inseparável do discurso moderno e às vezes até identificado com ele.²³ O que Adorno e Horkheimer declaram logo no início do livro é que o próprio discurso ideológico do Esclarecimento na verdade se define como uma autêntica construção totalitária.²⁴ Na análise deles é a própria razão moderna e a ocupação gradual mas quase completa da realidade por ela que faz funcionar a lógica perversa do *Terceiro Reich* e a organização sistemática do genocídio. Desta forma, aquela razão em que o Século das Luzes colocou todas as esperanças para emancipar a humanidade, junto com a tecnologia se tornou afinal no próprio destrutor dessa mesma humanidade. Nas esteiras das teses de Adorno e Horkheimer sobre a dialética do Esclarecimento e a perversão da razão moderna, Zygmunt Bauman falando já diretamente de modernidade e não de Iluminismo, salienta que „the Holocaust was a unique encounter between the old tensions which modernity ignored, slighted or failed to resolve -- and the

22 AGAMBEN, Giorgio. *Quel chi resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000, p. 66.

23 GERAS, Norman – WOKLER, Norbert (Org.). *The Enlightenment and Modernity*. London: Macmillan Press, 2000.

24 ADORNO, Theodor Wiesengrund – HORKHEIMER, Max. *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2006, p. 12.

powerful instruments of rational and effective action that modern development itself brought into being.”²⁵ O pensador polonês, na verdade, aprofunda de uma perspectiva weberiana as idéias dos filósofos da escola de Frankfurt e analisa a relação íntima entre o desenvolvimento da civilização moderna, a revolução industrial, o estabelecimento das instituições burocráticas públicas e a tragédia do Shoah, afirmando que o extermínio industrializado dos judeus foi o fruto orgânico das sociedades modernas e que nele se revela uma certa verdade da modernidade (*truth of modernity*).²⁶

Uma outra anomalia da modernidade que dum certo modo se liga às teses críticas acima expostas é revelada por Charles Taylor. O filósofo canadense distingue dois modelos principais e paralelos da modernidade: um modelo cultural e particular e um outro modelo aculturado e universal. Dos dois conceitos aquele que conseguiu se afirmar como a narrativa primordial e dominante da modernidade é a versão aculturada o que, na opinião de Taylor, tem a ver com o facto que a ideologia emancipatória e salvacionista da modernidade na verdade nasceu da cultura cristã que desde o início se tinha inscrito num horizonte eminentemente universal²⁷ (basta só lembrar as cartas de São Paulo sobre as pretensões universais da expansão da fé e do catolicismo, palavra cuja etimologia grega aliás se refere à própria universalidade) e depois desenvolveu-se sob a égide universalista e humanista do Iluminismo. Esta variante aculturada da modernidade quer eliminar as diferenças religiosas, epistemológicas e culturais entre as mais diversas regiões do mundo e pretende criar um mundo homogêneo e universal baseado nos mesmos valores ideológicos, nas mesmas instâncias políticas, nas mesmas tecnologias de produção e nas mesmas estruturas socioeconômicas.

(...) traditions impede development. Over against the blazing light of modern reason, all traditional societies look alike in their immobile night. What they hold us back from is “development,” conceived as the unfolding of our potentiality to grasp our real predicament and apply instrumental reason to it. The instrumental individual of secular outlook is always already there, ready to emerge when the traditional impediments fall away. Development occurs through modernization, which designates the ensemble of those culture-neutral processes, both in outlook (individuation, rise of instrumental reason) and in institutions and practices (industrialization, urbanization, mass literacy, the introduction of markets and bureaucratic states) which carry us through the transition. This outlook projects a future in which we all emerge together into a single, homogeneous world culture. In our traditional societies, we were very different from each other. But once these earlier horizons have been lost, we shall all be the same.²⁸

25 BAUMAN, Zygmunt. *Modernity and the Holocaust*. Ithaca: Cornell University Press, 1989, p. xiv.

26 Idem, p. 6.

27 TAYLOR, Charles. Two theories of modernity. In: GAONKAR, Dilip Parameshwar (org.). *Alternative Modernities*. Durham-London: Duke University Press, 2001, pp. 174-175.

28 Idem, p. 181.

Fredric Jameson, por sua vez, escreve também dessa versão aculturada da modernidade. Como localiza a essência da modernidade no capitalismo global e na sua expansão mundial, na leitura dele a modernidade, desde a sua germinação, é necessariamente universal e singular, e assim permanecerá para sempre.²⁹ Para o teórico marxista todas as manifestações da modernidade têm a ver com o capitalismo e com as pretensões hegemônicas do sistema da capital o que não permite o desenvolvimento de modernidades locais que não seguem fielmente o padrão da versão euro-atlântica e não cumprem rigorosamente as suas normas. Jameson basicamente rejeita a possibilidade de existência de modernidades diferentes e declara que só pode existir uma modernidade singular (*singular modernity*) que funciona de acordo com as mesmas leis e princípios por todos os lados.³⁰ Jameson não defende nada a narrativa eurocêntrica da modernidade, senão só constata que apesar das esperanças de questionar e deslocar essa narrativa, ela continua sendo vigente nas dinâmicas econômicas do mundo globalizado. Por isso mesmo, neste ponto vale a pena voltar às ideias de Taylor e Gaonkar que ao contrário de Jameson apoiam a tese da possibilidade de outras modernidades.

Taylor, por sua vez, argumenta que as assim chamadas variantes culturais da modernidade como se desenvolveram de tradições e epistemologias diferentes, são (e serão) inevitavelmente diferentes.³¹ A modernidade como sempre supõe uma base cultural à qual se sobrepõe, e na realidade não se pode livrar da influência desse substrato local. "Each repetition of the sign of modernity is different, specific to its historical and cultural conditions of enunciation"³² Ressalta Homi Bhabha no seu livro *The Location of Culture*, ou seja, em vez de falar de uma só versão da modernidade em que se refletem os valores culturais, políticos e econômicos do continente europeu e as ideologias do eurocentrismo, teríamos de falar sobre várias modernidades diferentes que seguindo a sugestão de Taylor e de Gaonkar podemos chamar de modernidades alternativas (*alternative modernities*). Essas modernidades alternativas que desconstruem a narrativa de uma modernidade singular e eurocêntrica apresentam iterações características e regionais da dominante européia. Desta forma, como Matei Calinescu sugere

„(...) one should not speak of one modernity, one way or pattern of modernization, one unified concept of modernity which would be inherently universalist and would presuppose universal and uniform standards, independent of temporal and geographic coordinates. If modernity is indeed creative-whether economically as development or, at the other end of

29 JAMESON, Fredric. *A Singular Modernity. Essay on the Ontology of the Present*. London-New York: Verso, 2002, p. 12.

30 Idem, p. 13.

31 TAYLOR, 2001, p. 182.

32 BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1992, p. 247.

the spectrum of possibilities, as growth of knowledge and of insight through unpredictable discoveries- then it cannot but be plural, local, and non-imitative.”³³

Luís Madureira, tratando dos casos específicos da modernidade da região do Caribe e do Brasil fala sobre modernidades periféricas ou marginais, e partindo da teoria derridiana ressalta o elemento da criatividade no processo da construção da modernidade nos territórios pós-coloniais. Na interpretação de Madureira, no caso destas modernidades periféricas, temos sempre que contar com um forte potencial crítico que consegue deslocar a narrativa tradicional da modernidade singular euro-atlântica e que é capaz de reescrever os eixos discursivos desta da perspectiva das epistemologias locais.³⁴

A teoria da transmodernidade de Enrique Dussel, por um lado encaixa-se na ordem das modernidades alternativas que propagam a legitimidade e a autenticidade das variantes não consagradas e não centrais do avanço socioeconómico e político-cultural, e por outro lado aposta naquele potencial crítico das modernidades periféricas que Madureira realça. O modelo da transmodernidade de Dussel é uma abordagem crítica da modernidade que nasceu duma perspectiva crítica e pós-colonial latino-americana, mas que se aplica para todos os territórios do Sul global que enfrentaram e ainda estão enfrentando a necessidade da modernização e da elaboração de agendas próprias quanto ao estabelecimento e cumprimento do projeto moderno. A inspiração latino-americana da transmodernidade é importante mas não impede o alargamento dela para outras regiões periféricas. No entanto o facto de que no caso da América Latina não se trata só dum conflito dialético entre a cultura indígena e o mundo do colonizador, mas antes de mais, de uma estrutura mais complexa por causa da instituição da escravatura e a forte presença das tradições africanas, faz desta região uma conjuntura especial para a modernidade. „Históricamente, encontramos que la modernidad en Latinoamérica está llena de contradicciones y, por decirlo de algún modo, de paradojas.”³⁵ O objetivo de Dussel com a elaboração da transmodernidade, portanto, é dupla. Quer situar a América Latina – e num contexto mais vasto o Sul periférico – na história mundial, e ao mesmo tempo reinterpretar e reescrever radicalmente a narrativa tradicional desta mesma história mundial. Com essas premissas pretende-se, então, não só a desconstrução da dialética e da hierarquia entre o mundo euro-atlântico, detentor de uma modernidade singular, mas

33 CALINESCU, Matei. Modernity, Modernism, Modernization: Variations on Modern Themes. In: *Symploké*, vol. 1., n. 1., 1993, p. 17.

34 MADUREIRA, Luís. *Cannibal Modernities. Postcoloniality and the Avant-garde in Caribbean and Brazilian Literature*. Charlottesville-London: University of Virginia Press, 2005, pp. 2-5.

35 ANAYA, Mario Magallón. América Latina y la Modernidad. In: *Archipelago*, n. 62., 2008, p. 46.

também o questionamento das representações e narrativas do continente europeu que foram sendo construídas desde a modernidade, fazendo deste território não só o dominador simbólico do mundo inteiro, mas também um exemplo autêntico que as outras regiões devem seguir. Deste ponto de vista a empresa de Dussel reflete a influência das teses de Walter Benjamin sobre o conceito da história. Para o filósofo alemão a história não é outra coisa que a própria narrativa interpretativa do poder, dos fortes, dos vencedores que são capazes de construí-la e de dar-lhe sentido segundo as suas premissas políticas e visões ideológicas. O processo histórico é uma mera construção narrativa nas mãos do poder, é uma "presa", uma certa colonização narrativa do passado. O poder tem a capacidade de construir uma narrativa forte e totalizante com que se apodera do passado, criando dele uma versão única e colonizada. "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo «como ele de fato foi». Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*)."³⁶ Para podermos chegar ao desmantelamento da visão totalizante da história escrita pela perspectiva dos vencedores, Benjamin sugere escovar a história a contrapelo,³⁷ ou seja, concentrar-se naqueles eventos, manifestações e sujeitos que passaram a ser excluídos da versão oficializada do processo histórico. O próprio Dussel afirma a forte influência do pensamento de Benjamin na elaboração dos seus conceitos:

Benjamín con su «*mesianismo materialista*» y su interpretación de la teología como el *enano* oculto debajo del tablero de ajedrez del turco, al decir del propio Michel Löwy anticipando la crítica que efectuaría la teología de la liberación latinoamericana, abre nuevos debates (en los que me encuentro preparado, ya que ha sido la orientación de toda mi vida): el enfrentamiento del helenocentrismo filosófico y su desarrollo, como eurocentrismo moderno (...).³⁸

Além da profunda insatisfação para com a versão eurocêntrica da modernidade e da narrativa histórica escrita e estabelecida por ela, Dussel, como a maioria dos teóricos mencionados neste estudo, expressa um descontentamento profundo no que diz respeito ao paradigma pós-moderno. O problema de Dussel com o pós-modernismo não é só o niilismo ético, o relativismo e o perspectivismo radical que impossibilitam o estabelecimento de qualquer tipo de identidade ou posição firme mas crítica ao mesmo tempo, mas também o desaparecimento do horizonte da salvação. Além disso, na interpretação do filósofo argentino-mexicano, o pós-modernismo, na verdade, apesar da sua aparente sensibilidade para com o ex-cêntrico, continua sendo uma

36 BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História. Obras escolhidas de Walter Benjamin*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, p. 11

37 *Idem.*, pp. 12-13.

38 DUSSEL, Enrique. *Filosofías del Sur y Descolonización*. Buenos Aires: Editorial Docencia, 2014, p. 9.

construção teórica fortemente eurocêntrica que não faz outra coisa de que repetir o *hubris* inicial e constitutivo da modernidade singular.

Na verdade, a partir da problemática „pós-moderna“ sobre a natureza da Modernidade – que, em última análise, é uma visão ainda europeia da Modernidade – começamos a perceber que, o que chamávamos como pós-moderno era algo diferente do que aludiam os pós-modernos nos anos 1980 (ao menos davam uma definição diferente do fenômeno da Modernidade daquela que eu havia entendido a partir dos trabalhos realizados para situar a América Latina em confronto com a cultura moderna observada a partir da periferia colonial). Por isso, sentimos a necessidade de reconstruir a partir de uma perspectiva „exterior“, ou seja, global (nao provinciana como eram as perspectivas europeias), o conceito de „modernidade“ que era – e ainda é – na Europa e nos Estados Unidos, uma conotação claramente eurocêntrica, desde Lyotard ou Vattimo até Habermas e, de maneira mais sutil, Wallerstein – que chamamos de segundo eurocentrismo.³⁹

Dussel, então, chegou ao reconhecimento de que aquilo que nas universidades européias e americanas estava circulando a partir dos finais dos anos setenta sob o rótulo do pós-modernismo, não correspondeu aos seus objetivos, nem constitui uma crítica adequada da modernidade. No seu estudo *Un diálogo con Gianni Vattimo: de la Postmodernidad a la Transmodernidad* que nasceu de uma troca de idéias fértil com o filósofo italiano, Dussel esclarece que compartilha com Vattimo certos aspectos da sua interpretação da modernidade e do pós-modernismo, mas ressalta que as propostas dele são criticamente insuficientes por não reconhecer a centralidade dos paradigmas epistemológicos europeus.⁴⁰ Portanto, o que Dussel detecta nos maiores pensadores do pós-modernismo é uma certa cegueira no que diz respeito à periferia e ao papel constitutivo da periferia no processo da modernidade e no nascimento da Europa moderna e colonial, ou seja, o pós-modernismo, dum certo modo, prolonga aquela ignorância total do Sul Global que a modernidade tinha criado no século XVI. A propósito deste levantamento crítico sobre a insuficiência do pós-modernismo em corrigir os defeitos e os crimes da modernidade, Ramón Grosfoguel acrescenta ainda que „enquanto projetos epistemológicos, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo encontram-se aprisionados no interior do cânone ocidental, reproduzindo, dentro dos seus domínios de pensamento e prática, uma determinada forma de colonialidade do poder/conhecimento.“⁴¹

39 DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. In: *Revista Sociedade e Estado*, vol. 31, n. 1., 2016, pp. 56-57.

40 DUSSEL, Enrique. Un diálogo con Gianni Vattimo: de la Postmodernidad a la Transmodernidad. In: *A Parte Rei – Revista Filosófica*, n. 54, 2007, pp. 16-17.

41 GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 80., 2008, p. 117.

Ao lado do discurso eurocêntrico da modernidade e da pós-modernidade, a outra referência fundamental de Dussel é a teoria de sistema-mundo de Immanuel Wallerstein. Na interpretação do histórico e economista americano a partir da colonização, através da ligação de zonas antes completamente isoladas, testemunhamos a criação gradual de um sistema económico global que envolve na sua dinâmica capitalista a integridade do mundo. De acordo com a lógica do capitalismo o sistema é profundamente hierarquizado e divide-se económica, social e culturalmente em dois territórios principais: o centro onde se concentra e acumula a capital e a periferia desmesuradamente explorada, ou seja, enquanto o centro euroatlântico do hemisfério norte dispõe de tecnologias avançadas para fabricar produtos sofisticados e complexos, a periferia do Sul participa no funcionamento do sistema como fornecedor de matérias primas e mão-de-obra baratas, sendo explorado permanentemente pelo centro.

Core-periphery is a relational concept. What we mean by core-periphery is the degree of profitability of the production processes. Since profitability is directly related to the degree of monopolization, what we essentially mean by core-like production processes is those that are controlled by quasi-monopolies. Peripheral processes are then those that are truly competitive. When exchange occurs, competitive products are in a weak position and quasi-monopolized products are in a strong position. As a result, there is a constant flow of surplus-value from the producers of peripheral products to the producers of core-like products. This has been called unequal exchange. (...) Core-like processes tend to group themselves in a few states and to constitute the bulk of the production activity in such states. Peripheral processes tend to be scattered among a large number of states and to constitute the bulk of the production activity in these states. Thus, for shorthand purposes we can talk of core states and peripheral states, so long as we remember that we are really talking of a relationship between production processes.⁴²

O estabelecimento do sistema-mundo, sem qualquer dúvida, é um passo fundamental na definição da identidade da modernidade singular, e de um certo ponto de vista, até poder ser interpretado como a dinâmica constitutiva dessa mesma. Para Dussel esse momento da criação de um centro e de uma periferia através do descobrimento do Novo Mundo e da sua colonização é de importância fundamental no que diz respeito à sua visão sobre a modernidade e à crítica dela. O que o filósofo enfatiza é que „la periferia es igualmente creadora de la Modernidad”⁴³ e reconhecendo esta verdade encoberta podemos (e devemos) chegar à revisão e à inversão das dinâmicas culturais e económicas entre o centro e a periferia e à „descoberta de uma nova visão crítica das culturas periféricas, a até mesmo da própria Europa.”⁴⁴ O ponto de partida dessa revisão e inversão ideológica é a descoberta do Novo Mundo. Para Dussel a descoberta e o consequente

42 WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis – An Introduction*. Durham-London: Duke University Press, 2004, p. 28.

43 DUSSEL, 2007, p. 16.

44 DUSSEL, 2016, p. 56.

estabelecimento do sistema-mundo profundamente hierarquizado considera-se não só o início cronológico da modernidade, mas também o evento originário que contribui para a constituição da própria identidade da modernidade enquanto discurso triunfante, singular e exemplar.⁴⁵ O autor localizando o começo da narrativa moderna e a emergência da subjetividade moderna no evento da descoberta das Américas, tenta reescrever as leituras convencionais da modernidade que ligam a germinação e a constituição dela a eventos exclusivamente europeus. Na opinião de Hegel, e na esteira dele para Habermas, os episódios decisivos da formação da identidade moderna são a reforma religiosa de Luther e o surgimento da ética laboral protestante, a corrente cultural e filosófica do Esclarecimento e finalmente a Revolução Francesa e a consequente reestruturação social com consolidação da classe burguesa.⁴⁶ A estes Jameson acrescenta ainda o nascimento do *cogito cartesiano*, a revolução científica de Galileo Galilei e a solidificação do capitalismo nas dinâmicas econômicas nacionais e internacionais, e chama a atenção ao facto de que a modernidade sempre supõe o estabelecimento dum novo início e que na verdade existem várias narrativas possíveis do moderno tendo em conta perspectivas, disciplinas e ideologias diferentes. Tudo isso leva Jameson a supor que „modernity is not a concept, philosophical or otherwise, but a narrative category.”⁴⁷ Sendo categoria narrativa, conceito ou ideologia ou todas estas ao mesmo tempo, na opinião de Dussel, a modernidade não se quer livrar de uma leitura essencialmente eurocêntrica e nem quer reconhecer a importância constitutiva das descobertas e a 37esbloquear37 do sul. Deste modo, como o filósofo húngaro Péter Szakács observa a propósito dos projetos das filosofias de libertação latino-americanas „A central feature of modernity is that it oppresses, and presents as superseded, the patterns of thought that deviate from the Western definition of rationality. (...) The main goal of the philosophy of liberation, anti- and decolonialism is to emancipate these patterns of thought and to create an intercultural dialogue in which they may participate as equals of Western thought.”⁴⁸ Dussel na sua crítica da modernidade singular e na sua tentativa de elaborar o seu modelo alternativo, segue estas mesmas propostas da filosofia de libertação e quer reivindicar a dignidade e o lugar do sul na empresa moderna.

45 DUSSEL, Enrique. *1492 – o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 16.

46 HABERMAS, Jürgen. *The Philosophical Discourse of Modernity – Twelve Lectures*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1990, p. 17.

47 JAMESON, 2002, p. 40.

48 SZAKÁCS, Péter. *Christ versus the llama sacrifice. Rodolfo Kusch's theological criticism of the colonization of Latin America*. In: AUWEELE, Dennis Vanden – VASSÁNYI, Miklós (org). *Past and Present Political Theology Expanding the Canon*. London-New York, Routledge, 2020, p. 229.

O pensador da filosofia da libertação começa essa reivindicação através de uma crítica aguda dos dois maiores filósofos da era moderna: Kant e Hegel. Kant, no seu texto lapidar e vastamente analisado sobre o Iluminismo define a essência ideológica do movimento intelectual decisivo do século XVIII como a saída autêntica da humanidade de um estado de menoridade de que ele próprio é culpado e que corresponde a uma certa incapacidade de pensar e agir sem a legitimação de uma autoridade.⁴⁹ O problema de Dussel com a definição kantiana é que cria uma dicotomia ideológica que com a ajuda de uma metáfora antropológica divide as culturais em dois grupos: em culturas adultas, ou seja emancipadas, desenvolvidas e modernas que conseguiram sair do referido estado imaturo e conseguiram afirmar-se enquanto entidades autónomas, e em culturas infantis, subdesenvolvidas, sujeitas a várias forças e crenças arcaicas.⁵⁰ Num sentido geopolítico isso quer dizer que o norte iluminado e moderno se considera e se representa evidentemente superior ao sul atrasado e incivilizado. De Kant Dussel vira-se para Hegel e efectua uma leitura crítica do conceito hegeliano da história mundial. A história enquanto autêntico movimento teleológico de desenvolvimento e auto-realização do *Geist*, no entendimento de Hegel, além da temporalidade conta com uma vertente de espacialidade. A história mundial tem um sentido inquestionável, um sentido abstrato que se resume na ideia da sua própria realização perfeita e a aquisição duma identidade total, mas ao mesmo tempo este sentido se articula também metonimicamente, supondo uma movimentação do oriente em direcção ao ocidente. A história mundial, portanto, começa com os grandes impérios no oriente e através dum progresso gradual ao longo dos milénios chega às partes ocidentais do continente europeu onde finalmente cumpre o seu destino. Desta forma, para Hegel, o palco da História mundial (escrito assim, simbolicamente com maiúscula) é o continente europeu, e a 38esbloqu desta mesma História mundial é igualmente 38esbloqu. O Sul, destarte, é completamente excluído da História mundial que se desenvolve no eixo oriente-ocidente, e o filósofo alemão aplicando a referida metáfora antropológica de Kant declara que a América-Latina junto com a África não podem fazer parte da História Mundial, consideram-se cultural, geográfica e antropológicamente imaturos, ou como Walter Mignolo observou passaram a ser vistos como „places of non-thought”⁵¹, onde praticamente não existe pensamento racional, lógico e moderno. O papel de Espanha e Portugal, segundo essa lógica, é secundário e suplementar

49 KANT, Immanuel. Immanuel. Resposta à Pergunta: Que é “Esclarecimento” [“Aufklärung”]? In: KANT, Immanuel. *Textos Seletos* (Edição bilingue). Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100.

50 DUSSEL, Enrique. *The Invention of the Americas. Eclipse of “the Other” and the Myth of Modernity*. New York, Continuum, 1995, pp. 19-20

51 MIGNOLO, Walter D. *The Darker Side of Western Modernity. Global Futures, Decolonial Options*. Durham-London: Duke University Press, 2011, p. 119.

na história e na Europa moderna, e desde o período das descobertas são relegados para um estado semiperiférico.

O que Dussel faz não é outra coisa de que um ataque *tout court* contra esta definição exclusivamente eurocêntrica da Modernidade segundo a qual a singularidade do continente europeu (e sobretudo da sua parte ocidental, germânica e anglo-saxónica) identifica-se com a universalidade mundial. Uma nova visão da Modernidade desconstrói ao mesmo tempo a imagem tradicional e intra-européia da empresa moderna, e a narrativa histórica em cujo centro se encontra o continente europeu. O filósofo explica que a data do descobrimento do Novo Mundo deve ser interpretado como o mais autêntico evento fundador da Modernidade porque foi graças a este acontecimento histórico que se tinha criado o já referido sistema-mundo, e o continente europeu conseguiu definir-se em face da periferia latino-americana como o centro mais genuíno da civilização mundial.⁵² A América-Latina descoberta pelos espanhóis e colonizada rapidamente ao lado dos espanhóis também pelos portugueses, passa a ser a primeira periferia da ordem económico-cultural do mundo e é só em oposição a esta periferia que a Europa se consegue definir como centro, como uma entidade mais moderna, mais desenvolvida, mais civilizada e mais poderosa, numa palavra, como uma cultura inquestionavelmente superior. Segundo Dussel foi só a descoberta do novo mundo e a consequente consolidação do sistema-mundo que fez da Europa centro. Na leitura dele o continente europeu até este evento primordial da Modernidade não se considerava nada o eixo principal das dinâmicas económico-culturais do mundo, pelo contrário, era mais periférico. Dussel neste ponto entra numa larga análise sobre a 39esbloqu histórica das civilizações asiáticas, africanas, meio-orientais e europeias, passando por vários milénios e chega a conclusão de que se contamos a história mundial de uma perspectiva alternativa, o território europeu, na verdade, não tinha papel central no mundo nem cultural, nem economicamente até ao processo da colonização, e a aparência do sistema-mundo moderno. A centralidade e a superioridade europeia, nesta ótica, são meras fantasias simbólicas construídas a partir do momento da afirmação da modernidade e só passaram a ser projectadas para o passado, tendo criado uma narrativa profundamente eurocêntrica da história do mundo. Aquela Europa que partiu nas caravelas para descobrir e colonizar o desconhecido, nas palavras de Dussel, era uma Europa sitiada, fraca e problemática. Da zona do Atlântico, passando pelo Norte da África e pelas costas levantinas, pelos Balcãs até Viena, o

52 DUSSEL, Enrique. Eurocentrism and Modernity. In: *Boundary 2*, vol. 20, n. 3., 1993, p. 67.

território europeu estava cercado pelo mundo muçulmano, em comparação com a qual se considerava subdesenvolvida tanto cultural como econômica e cientificamente.

La Europa latino-germánica (no la bizantina u oriental) periférica, subdesarrollada, arrinconada por el mundo ¿oesbloqu no ¿oesbl conectarse com el «mundo antiguo» (el «old world» de Adam Smith), sino por los puertos de la ciudades italianas de donde [os ¿oesbloquea] dominaban el tráfico del Mediterráneo oriental, y de ahí, por el Egipto fatimita o la Siria antioquena, hacían contacto com Bagdad, o com las caravanas que llegaban hasta China por los desiertos del norte, a la India por Kabul; tambien al norte del Mar Negro hasta Constantinopla, o por el Mar Rojo o el Golfo Pérsico hacia el Indostán y el Mar de la China. Esa Europa sitiada e oscura (...) solo ¿oesbl ¿oesbloquear su aislacionismo por el norte (...), o por el occidente: por Portugal e Espana.⁵³

É essa Europa periférica, cercada pelo florescente mundo cultural e econômico do islão que se transformará no centro das dinâmicas globais graças às descobertas, à colonização e ao estabelecimento do sistema-mundo. O nascimento da modernidade, assim, tem a ver com essa separação primordial entre o centro e a periferia, entre um mundo colonizador que se apresenta e representa superior, e um mundo bárbaro, primitivo em estado infantil que precisa da autoridade exterior, europeia para se civilizar. Sem a alteridade cultural, antropológica, política, ética, e econômica do Novo Mundo a Europa moderna não teria podido estabelecer a sua identidade enquanto poder superior e dominador, detentor duma tradição proeminente e mais elevada. „(...) A América Latina, desde 1492, é um momento constitutivo da Modernidade (...). É a outra cara (*teixtli* em asteca), a alteridade essencial da Modernidade”⁵⁴, apoiando na qual essa mesma Modernidade e o sujeito moderno dominador e colonizador se criam e constantemente se recriam.

O descobrimento, através do qual a Europa fraca e provinciana da Idade Média tardia se transforma no glorioso centro moderno do mundo, é ao mesmo tempo um encobrimento. No processo violento da colonização que dá ao sujeito europeu a experiência de viver uma superioridade evidente em face ao Outro bárbaro, primitivo e subdesenvolvido, a alteridade do outro passa a ser encoberta. O sujeito europeu pretende encobrir tanto cultural e religiosamente como econômica e linguisticamente o outro, impondo-lhe os seus próprios valores e ignorando a legitimidade das epistemologias locais. „A pretensa superioridade do saber europeu nas mais diversas áreas da vida foi um importante aspecto da colonialidade do poder no sistema-mundo colonial/moderno. Os saberes subalternos foram excluídos, omitidos, silenciados e/ou ignorados,”⁵⁵ paralelamente com a exclusão, omissão, silenciamento e ignorância brutal dos sujeitos indígenas e depois africanos. A

⁵³ DUSSEL, 2014, p. 204.

⁵⁴ DUSSEL, 1993, p. 23.

⁵⁵ GROSFUGUEL, 2008, p. 136.

emergência do *ego cogito* cartesiano, o modelo mais autêntico da subjectividade moderna, é antecedido pelo *ego conquisto*, ou seja, o sujeito da modernidade, na verdade é o resultado ontológico do processo da colonização e do encobrimento da alteridade.

A situação complica-se ainda mais com a formação do mito da Modernidade, isto é, o sujeito colonizador além de submeter a população indígena a um processo violento de aculturação e degradar o outro à subalternidade, cria o seu próprio mito para legitimar as suas ações e a sua superioridade. Este mito, por um lado, elabora uma narrativa simbólica, segundo a qual no Novo Mundo se produziu uma cultura excepcional do encontro e da convivência harmoniosa das raças. Por outro lado, o mito da modernidade inscreve-se na tradição do ocidentalismo como um mito civilizatório que seguindo a lógica de “o fim justifica o meio”, legitima a crueldade e a violência através do processo emancipatório e civilizatório. A modernização, desta forma, justifica a brutalidade e a desumanidade, porque supõe a emancipação produtiva do sujeito selvagem do seu estado subdesenvolvido. „Nisto consiste o mito da modernidade, em vitimar o inocente (o Outro), declarando-o causa culpável de sua própria vitimação e atribuindo-se ao sujeito moderno plena inocência com respeito ao ato sacrificial. Por último, o sofrimento do conquistado (colonizado, subdesenvolvido) será o sacrifício ou o custo necessário da modernização.”⁵⁶ O mito da modernidade, desta forma, efetua uma inversão perversa da culpabilidade, e em vez de culpar o colonizador pela violência extrema, atribui culpa ao inocente pelo seu estado primitivo-infantil. Criase, assim, um paradigma sacrificial irracional, em que é a própria vítima da violência que tem que sofrer e oferecer sacrifícios pela modernização.

O que Dussel sugere, não é outra coisa de que desconstrução radical deste mito tóxico da modernidade, tentando quebrar a sua força que se sente ainda hoje nas tendências do neocolonialismo. „Assumir a modernidade sem legitimar seu mito. Modernidade não confrontada com a pré-modernidade ou antimodernidade, mas como modernização a partir da Alteridade e não a partir do si mesmo do sistema.”⁵⁷ A proposta de Dussel com a ajuda da qual o Sul conseguirá se livrar do „hidden agenda and darker side of Western modernity”⁵⁸ que apesar da descolonização político-administrativa continua a assombrá-lo, é o conceito da transmodernidade. A transmodernidade enquanto modernidade alternativa pretende „repensar o mundo colonial/moderno a partir da

56 DUSSEL, 1993, pp. 75-76.

57 Idem, p. 88.

58 MIGNOLO, 2011, pp. 1-27.

diferença colonial altera[ndo] importantes pressupostos dos nossos paradigmas.”⁵⁹ Na opinião de Dussel é preciso livrar-se dos elementos irracionais, cruéis e negativos da modernidade como a opressão, a aculturação, o genocídio e o epistemicídio, é necessário limpar a modernidade desta herança da negatividade que os pensadores da crítica do esclarecimento analisaram em detalhes. No entanto, Dussel acha possível realizar esta libertação da modernidade do seu próprio mito irracional, da sua prisão ideológica, sem descartá-la totalmente. O que se deve manter do projeto moderno é a dinâmica da emancipação social, a justiça econômica, a civilização ecológica e a democracia popular.

Trata-se de, em nome do núcleo racional e emancipador da Modernidade (como saída da imaturidade, mas não culpada), negar o mito sacrificial eurocêntrico e desenvolvimentista da própria Modernidade. Por isso o „projeto libertador” (não meramente „assuntivo” porque este só pode subsumir os projetos emancipador dos crioulos, conservador dos latifundiários ou liberal dos que negam o passado indígena, afro-latino-americano e colonial), é ao mesmo tempo uma tentativa de superação da Modernidade, um projeto de libertação e „transmodernidade”. Um projeto de racionalidade ampliada, onde a razão do Outro tem lugar numa comunidade de comunicação na qual todos os humanos (...) possam participar como iguais, mas ao mesmo tempo no respeito a sua Alteridade, ao seu ser-Outro, „outredade” que sabe que está garantida até no plano da situação ideal de fala (...) ou na comunidade de comunicação ideal.⁶⁰

A transmodernidade, assim, como o prefixo sugere, tenciona transcender a modernidade eurocêntrica com toda a sua tradição violenta, e ao mesmo tempo só pensa possível realizar essa superação através da contribuição equilibrada de várias culturas, filosofias, epistemologias e tradições. Assim, a cultura utópica da transmodernidade, conseguirá desconstruir não só a singularidade arrogante, e a universalidade abstrata da modernidade, mas também o seu eurocentrismo inerente que não aceita o diálogo com o Outro, e que só pretende impor nele os seus próprios valores e discursos. Da transfertilização dialógica das culturas e das tradições nascerá, assim, uma nova modernidade alternativa que transcenderá os *hubris* da modernidade ocidental e será capaz de ultrapassar o caráter monológico da epistemologia e do cânone ocidentais, e de ser o fundamento duma humanidade plural futura. A razão que Adorno e Horkheimer e vários outros pensadores do período pós-segunda guerra mundial ou pós-moderno exorcizaram e culpavam pelos defeitos e crimes do progresso moderno, não deve ser discriminado, na leitura de Dussel, pelo contrário. „A Filosofia da Libertação afirma a razão como faculdade capaz de estabelecer um diálogo, um discurso intersubjetivo com a razão do Outro, como razão alternativa. Em nosso tempo, como razão que nega o momento irracional do mito sacrificial da Modernidade para afirmar

⁵⁹ GROSGUÉL, 2008, p. 126.

⁶⁰ DUSSEL, 1993, pp. 172-173.

Modernidades alternativas. Da crise do pós-modernismo até à transmodernidade de Enrique Dussel, pp. 24-46

(subsumido num projeto libertador) o momento emancipador racional da Ilustração e da Modernidade como Transmodernidade.”⁶¹

Em conclusão, se continuarmos a aceitar a tese inicial da inconclusão do projeto da modernidade e a sua continuação, e continuarmos a acreditar com Foucault que a modernidade não só determinou o que somos agora, o que pensamos e como agimos,⁶² mas continuará determinando a nossa existência, parece mais do que necessário constantemente repensar essa modernidade e os seus princípios. Como Walter Mignolo, compatriota de Dussel, observa a propósito da teoria da transmodernidade e das modernidades alternativas formuladas do ponto de visto do Sul subalterno, a importância da elaboração destes novos modelos é fundamental para desestabilizar a ordem vigente e secular do discurso, tendo em conta a persistência das epistemologias ocidentais e coloniais.

These perspectives from Spanish America, Maghreb and the Caribbean, contribute today, to rethinking, critically, the limits of the modern world system, the need to conceive it as a modern/colonial world system, and to tell stories not only from the „inside“ modern world but from its borders. These are not only counter or different stories; they are forgotten stories that bring forward, at the same time, a new epistemological dimension: an epistemology of and from the border of the modern/colonial world system.⁶³

A transmodernidade de Enrique Dussel, encaixando-se na série de modernidades alternativas, ao meu ver, constitui uma das tentativas mais dinâmicas e viáveis para essa reformulação do projeto moderno. Seguindo a argumentação de Gaonkar, no momento atual do início do novo milénio, em vez de falar do fim da modernidade, teríamos de pensar na extensão da modernidade, e no aparecimento de novas formas alternativas e híbridas dela. O facto de que cada vez mais sociedades e territórios pós-coloniais, porém ainda subalternos, estão entrando na modernidade obriga-nos a reavaliar as agendas tradicionais e a elaborar novas soluções. Uma coisa é certa: „modernity today is global and multiple and no longer has a governing center or master-narratives to accompany it“⁶⁴, porém, a transmodernidade de Dussel, sem qualquer dúvida, parece ser uma das melhores soluções possíveis.

⁶¹ Idem, pp. 173-174.

⁶² FOUCAULT, Michel. „What is Enlightenment?“. In: Rabinow, Paul (org.). *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books, 1984, p. 32.

⁶³ MIGNOLO, Walter D. *Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000, p. 52.

⁶⁴ GAONKAR, 2001, p. 14.

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor Wiesengrund – HORKHEIMER, Max. *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. *Quel chi resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000.
- ANAYA, Mario Magallón. América Latina y la Modernidad. In: *Archipelago*, n. 62., 2008, pp. 46-47.
- AUGÉ, Marc. *Non-Places – Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. London-New York: Verso, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernity and the Holocaust*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História. Obras escolhidas de Walter Benjamin*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1992.
- CALINESCU, Matei. *Five Faces of Modernity*. Durham: Durham University Press, 1987.
- CALINESCU, Matei. Modernity, Modernism, Modernization: Variations on Modern Themes. In: *Symploké*, vol. 1., n. 1., 1993, pp. 1-20.
- CASCARDI, Anthony J. *The Subject of Modernity*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 16-17.
- DUSSEL, Enrique. *1492 – o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUSSEL, Enrique. Eurocentrism and Modernity. In: *Boundary 2*, vol. 20, n. 3., 1993, pp. 65–76.
- DUSSEL, Enrique. *The Invention of the Americas. Eclipse of "the Other" and the Myth of Modernity*. New York, Continuum, 1995.
- DUSSEL, Enrique. Un diálogo con Gianni Vattimo: de la Postmodernidade a la Transmodernidad. In: *A Parte Rei – Revista Filosófica*, n. 54, 2007, pp. 1-32.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofías del Sur y Descolonización*. Buenos Aires: Editorial Docencia, 2014.
- DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. In: *Revista Sociedade e Estado*, vol. 31., n. 1., 2016, pp. 51-73.
- FOUCAULT, Michel. „What is Enlightenment?“. In: Rabinow, Paul (org.). *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books, 1984, pp. 32-50.
- GAONKAR, Dilip Parameshwar. On alternative modernities. In: GAONKAR, Dilip Parameshwar (org.). *Alternative Modernities*. Durham-London: Duke University Press, 2001, pp. 1-24.
- GERAS, Norman – WOKLER, Norbert (Org.). *The Enlightenment and Modernity*. London: Macmillan Press, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1996.

- GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 80., 2008, pp. 115-147.
- HABERMAS, Jürgen. Modernity – an incomplete project. In: FOSTER, Hal (org.). *The Anti-Aesthetic. Essays on Post-modern Culture*. Port Townsend-Washington: Bay Press, 1983, pp. 3-16.
- HABERMAS, Jürgen. *The Philosophical Discourse of Modernity – Twelve Lectures*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1990.
- JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 2001.
- JAMESON, Fredric. *A Singular Modernity. Essay on the Ontology of the Present*. London-New York: Verso, 2002.
- KANT, Immanuel. Immanuel. Resposta à Pergunta: Que é “Esclarecimento” [“Aufklärung”]? In: KANT, Immanuel. *Textos Seletos* (Edição bilingue). Petrópolis: Vozes, 1985. pp. 100-117.
- KIRBY, Alan. *Digimodernism: How New Technologies Dismantle the Postmodern and Reconfigure our Culture*. London-New York: Continuum, 2009.
- LUVIZOTTO, Caroline Kraus: Modernidade e modernidade tardia. In: LUVIZOTTO, Caroline Kraus: *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, pp. 53-63.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Hypermodern Times*. Cambridge: Polity Press, 2005.
- MADUREIRA, Luís. *Cannibal Modernities. Postcoloniality and the Avant-garde in Caribbean and Brazilian Literature*. Charlottesville-London: University of Virginia Press, 2005.
- MIGNOLO, Walter D. *Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- MIGNOLO, Walter D. *The Darker Side of Western Modernity. Global Futures, Decolonial Options*. Durham-London: Duke University Press, 2011.
- PEUKERT, Detlev. *The Weimar Republic: The Crisis of Classical Modernity*. New York: Hill & Wang, 1992.
- SAMUELS, Robert. *New Media, Cultural Studies, and Critical Theory after Postmodernism: Automodernity from Žižek to Laclau*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa – Meneses, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.
- SZAKÁCS, Péter. *Christ versus the llama sacrifice. Rodolfo Kusch’s theological criticism of the colonization of Latin America*. In: AUWEELE, Dennis Vanden – VASSÁNYI, Miklós (org). *Past and Present Political Theology Expanding the Canon*. London-New York, Routledge, 2020, pp. 229-241.
- TAYLOR, Charles. Two theories of modernity. In: GAONKAR, Dilip Parameshwar (org.). *Alternative Modernities*. Durham-London: Duke University Press, 2001, pp. 172-197.
- VATTIMO, Gianni. *La fine della modernità*. Milano: Garzanti, 2011.

Modernidades alternativas. Da crise do pós-modernismo até à transmodernidade de Enrique Dussel, pp. 24-46

VERMEULEN, Timotheus – AKKER, Robin van den. Notes on Metamodernism. *Journal of Aesthetics & Culture*. Vol. 2., n. 1., 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.3402/jac.v2i0.5677>

WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis – An Introduction*. Durham-London: Duke University Press, 2004.

WEBER, Max. *The Vocation Lectures*. Indianapolis-Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.

WOODS, Tim. Postmodernism, film, video and televisual culture. In: WOODS, Tim. *Beginning Postmodernism*. Manchester-New York: Manchester University Press, 1999, pp. 194-203.